UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CAMPUS BINACIONAL DO OIAPOQUE
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA
ÁREA: LINGUAGENS E CÓDIGOS

ACADÊMICO: CALBI AMAZONAS DE SOUSA

GAVIÃO REAL VOLTOU AO NINHO:
MEMÓRIAS DE VIDA E TRAJETÓRIA ESCOLAR DE UM WAIÃPI

OIAPOQUE – AP
2020

CALBI AMAZONAS DE SOUSA

GAVIÃO REAL VOLTOU AO NINHO:
MEMÓRIAS DE VIDA E TRAJETÓRIA ESCOLAR DE UM WAIÃPI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – Área de Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Amapá, sob a orientação da Profa. Doutora Elissandra Barros da Silva.

OIAPOQUE - AP

2020

GAVIÃO REAL VOLTOU AO NINHO:
MEMÓRIAS DE VIDA E TRAJETÓRIA ESCOLAR DE UM WAIÃPI

Calbi Amazonas de Sousa[1]

Resumo: Este é um trabalho de memórias, em que conto minha trajetória de vida. Nessa trajetória a Educação Escolar está presente em muitos momentos, pois foi em busca de uma educação escolar, do saber do "branco", que sai de minha aldeia quando criança. Minhas experiências de vida me ensinaram a valorizar minha cultura, o saber do meu povo. Eu passei a vida aprendendo. Aprendi a ser waiãpi, desaprendi e depois aprendi de novo, mas nunca neguei meu povo e minhas origens. Acredito que meu trabalho é um exemplo da busca por educação formal que muitos parentes, como eu, vivenciaram. Eu tive que sair para o mundo várias vezes, mas meus caminhos me levaram de volta para o meu povo, para o meu mundo. Gavião real sempre volta para o ninho.

Palavras-chave: Trajetória – vida – Educação Escolar – Waiãpi

[1]Graduando do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Amapá.

GAVIÃO REAL VOLTOU AO NINHO:
MEMÓRIAS DE VIDA E TRAJETÓRIA ESCOLAR DE UM WAIÃPI

Essa não é a história de alguém que é, mas que tornou-se. Digo isso porque sempre tive que (re)construir minha identidade. Eu era o índio no meio dos brancos e o branco no meio dos Waiãpi. Fui forçado a aprender a viver com os não-índios quando era criança, não houve escolha para mim. Mas quando adulto fiz o caminho inverso, escolhi ser Waiãpi, decisão consciente, mas que me forçou a fazer o caminho de volta, que envolveu esquecer muito do que eu havia aprendido no mundo dos não-índios, me levou a ter que aprender a ser um Waiãpi. Nesse processo fui deixando roupas pesadas e que não me cabiam, fui me sentindo leve, fui me sentindo livre. Mas nunca foi fácil, nem quando eu vivia na cidade, nem quando eu retornei para o meu povo.

Estou contando minha história porque ela é minha, mas também é de muitos. Os caminhos percorridos, embora singulares, são semelhantes aos dos meus parentes, em várias partes do Brasil, principalmente no Norte, na Amazônia. Mas essas histórias são apagadas da memória e, com o tempo, desaparecem. Acho que minha relação com a escola sempre foi uma busca pessoal de aprender, um desejo e uma curiosidade de saber e de ver muito mais. Esse "ver" é o "ver" da experiência, não necessariamente da visão[2], aprender sem ver com os olhos foi uma habilidade que tive que desenvolver para sobreviver. Para mim aprender e ensinar estão sempre juntos. Nós aprendemos e ensinamos todos os dias. Aprendi muito quando fui ensinar na escola waiãpi, e foi ensinando que aprendi e me tornei professor.

Minha vida tem sido assim, um eterno aprendizado. A vida continua me ensinando. Aprendi muito contando minha história nesse TCC, aprendi comigo mesmo, com minhas experiências rememoradas. Quero aprender cada vez mais! Gavião-rei voltou para o ninho, mas ainda vai ter que continuar aprendendo e ensinando, todos os dias, seus filhotes, até eles aprenderem a voar.

---

[2] Calbi não consegue enxergar as letras com apenas 40% de visão do olho direito. Todo seu trabalho foi relatado, cabendo a sua orientadora a transcrição, segundo a ordem dos fatos, as ideias e as memórias que ele escolhera revelar ou deixar no esquecimento. Dotado de uma memória minuciosa para lugares e pessoas, as informações dadas por Calbi também permitiram acrescentar fotografias e notas ao texto, o que fiz com o intuito de embasar e explicar os relatos. A partir das memórias de Calbi podemos constatar que, mesmo sem pretensão, este participou de momentos importantes da história regional, circulou em espaços históricos e conheceu pessoas que, ainda hoje, são referências no cenário político nacional (nota da Orientadora).

Os voos do gavião-real

Sou Calbi Amazonas de Sousa, indígena Waiãpi, moro na Aldeia Comunidade Triângulo Amapari (CTA), na Terra Indígena Waiãpi, localizada no município de Pedra Branca do Amapari, no Estado do Amapá. O nome do meu pai é Kurupirã Waiãpi, mas na identidade dele está escrito Curupi Amazonas. Meu pai foi pioneiro, um dos primeiros a ter contato com os não-índios[3], ele também ajudou a construir a pista de pouso Morokopoti, na margem do rio Jari. Naquela época registraram meu pai com o sobrenome "Amazonas" pois poucos tinham conhecimento sobre o meu povo.

Minha mãe é Samyka Waiãpi, ela morava na aldeia Panay'wyry e foi a primeira esposa do meu pai. Juntos, eles tiveram três filhos: meu irmão Surarã, que morreu em conflitos internos, eu, e minha irmã Sare, que hoje mora no Camopi, na Guiana Francesa. Em meus documentos consta o dia 20 de maio de 1960 como a data de meu nascimento, mas não tenho como saber se essa data está correta. Minha mãe era ainda viva quando meu pai se casou com a irmã dela, Pororipa, que teve três filhos com meu pai, mas as crianças morreram ainda bem pequenas, depois Pororipa também morreu. Mamãe viveu mais alguns poucos anos, acho que uns três, eu ainda era criança quando essas coisas aconteceram. Então meu pai casou-se com a outra irmã de minha mãe, Kanaju, a quem considero como mãe, e que foi a terceira esposa de meu pai. Com Kanaju meu pai não teve filhos, pois apesar de Kanaju ter ficado grávida várias vezes e alguns bebês até terem nascido, nenhum vingou. Quando meu pai morreu, ainda na década de 1970, minha mãe se mudou para o Camopi[4], onde vive até hoje.

Eu saí da aldeia quando tinha em torno de 10 anos. Lembro que meu último dente caiu em Alenquer[5]. Quando morava na minha aldeia meu nome era Pitukuja'y Waiãpi, mas meu pai me mandou para morar com homem branco, para estudar. O homem que me levou chamava-se Raimundo Figueiredo de Sousa e, naquela época, em pleno regime militar, nós, indígenas, não podíamos nos registrar com nossos verdadeiros nomes, então Raimundo me registrou como "Calbi Amazonas de Sousa", acrescentando "Sousa", de

---

[3] Em 1973, os Wajãpi do Amapari foram "contatados" por uma equipe de atração da Funai que preparava, naquela região, os trabalhos de abertura da rodovia Perimetral Norte (ISA, 2020).

[4] Um grupo Waiãpi vive na Guiana Francesa, à margem esquerda do rio Oiapoque, entre Camopi e Trois Sauts. Esse grupo mantém relação de troca, parentesco e casamento com os waiãpi do Amapari.

[5] Alenquer é um município brasileiro do estado do Pará, pertencente à Mesorregião do Baixo Amazonas. Em linha reta, a distância entre Alenquer e Pedra Branca do Amapari, onde fica a Terra Indígena Waiãpi, é de 432.09 km, embora não seja possível fazer esse trajeto de carro.

seu sobrenome, por isso não tenho meu verdadeiro nome no registro. Hoje, todos me conhecem como Calbi Waiãpi.

Saí da minha aldeia um menino natural, tradicional: cocar na cabeça, arco e flecha no braço e rede tradicional dentro do jamaxi[6]. Lembro que chorei muito forte, eu sabia que um dia, quando retornasse, não veria mais meu pai. Parti com dez homens brancos, sendo um francês. Fomos todos na mesma canoa, sempre remando em direção à cabeceira do rio Jari. Nós dormimos duas noites na beira do rio, até chegarmos na trilha do rio Paru. Na terceira noite deixamos a canoa e fomos dormir em uma cabana dos Aparai e Wayana[7]. Lá, nessa cabana, deixei meu arco flechando o teto da casa. Esse era um sinal para o meu pai. Um dia, quando ele passasse por ali, saberia que estive no mesmo local, saberia o meu caminho. Durante essa viagem nós caçávamos e pescávamos para comer, eu não estranhava nada porque estávamos na mata, era como a minha aldeia. Partimos de canoa novamente, passamos a primeira aldeia, na época chamada de aldeia Castanhal, onde dormimos. Na aldeia conheci Aymore Wayana, que me disse:

Figura 1: Criança waiãpi segurando um jamaxi de adulto.

Fonte: Apu Gomes / AFP

– Meu neto, vem para minha casa, vem comer *paruru*, vem comer macaco!

Depois chegamos na aldeia central dos Aparai, o Bona[8]. Fui recebido pelo cacique João Aranha, mas o nome dele de verdade é Tuvone Wayana[9]. Esse cacique já é falecido. Ficamos um dia nessa aldeia e partimos para Anatü, um vilarejo de garimpeiros e gaiteiros. O chefe de lá chamava-se Tostes Brito. Nesse local ficamos mais de cinco dias aguardando a chegada do avião que nos levaria até Alenquer. Foi nesse vilarejo que me deram sandália, para mim parecia pé-de-papagaio porque eu sempre usava ao contrário. Também me deram um short para vestir e cortaram meu cabelo, na época, bem comprido. Para vestir o short eles cortaram meu ko'ã, que é o cinto tradicional dos waiãpi. Eu tive

[6] Espécie de cesto confeccionado de palha, usado pelos Waiãpi nas costas para transportar alimentos ou objetos.
[7] Os Aparai e os Wayana são povos de língua karib que habitam a região de fronteira entre o Brasil (rio Paru de Leste, Pará), o Suriname (rios Tapanahoni e Paloemeu) e a Guiana Francesa (alto rio Maroni e seus afluentes Tampok e Marouini) (ISA, 2020).
[8] A aldeia Bona está localizada no leste do rio Paru, no estado do Pará.
[9] Não sei se a grafia está correta, pois é um nome Wayana.

que receber o mundo pois estava muito distante dos meus pais, da minha aldeia e do meu povo.

Lembro também houve um grande impacto alimentar. Para comer colocaram no meu prato arroz, feijão, macarrão, comida preparada com muitos temperos e sal. Aquela comida não descia na minha garganta, eu vomitava tudo! Eu pensava que homem branco comia minhoca branca. Os homens estavam todos juntos na mesa e o Raimundo falou:

– Ele quer comer peixe!

Então me deram peixe cozido, mas era preparado de forma diferente, o mesmo peixe da minha aldeia, mas não era o mesmo peixe... Eu fui dos primeiros do meu povo a usar tecnologia do não índio: a rabeta[10]. Os brancos me levaram para passear de rabeta, senti muito medo, ela corria rápido, não era como canoa.

Depois de cinco dias chegou o avião. Éramos muitos para embarcar, então o avião teve que fazer três viagens. Eu embarquei na última, junto com Raimundo e o francês. Quando o avião decolou foi o pior estresse para mim, avião descia e eu gritava, agarrava com Raimundo. Eu gritava em waiãpi:

Figure 1: Vista aérea da cidade de Alenquer

Fonte: Foto de Elielza Sousa

– Me joga para baixo! – mas ninguém entendia o que eu dizia.

Chegamos em Alenquer umas cinco horas da tarde. O meu corpo estava adormecido. Veio um fusca nos buscar, para mim o fusca era um jabuti grande. Fomos para a casa do Raimundo, que ficava na rua Lauro Sodré, debaixo da montanha, em Alenquer. Era tudo estranho: carro passando, som, gritaria. Eu pensava:

– Cadê igarapé para eu tomar banho? – não sabia usar banheiro.

Pedi para meu padrinho, o senhor Raimundo, me levar de volta. Mas ele me levou para sua fazenda Fé em Deus. Fui montado a cavalo, mas me arrependi! A sela era muito

[10] A rabeta é um pequeno motor de propulsão que, acoplado na traseira de pequenas embarcações ou barcos, é conduzido manualmente, com a ajuda de um bastão, o qual determina as direções.

dura e cheguei todo quebrado na fazenda! Lá tinha tudo: rio, natureza, plantações, frutas como inajá e cacau, havia gado e muitas galinhas. Meu padrinho falou assim:

– Você não vai estudar! Você precisa aprender primeiro português para entrar na alfabetização.

Eu não quis mais ir para a cidade, acho que fiquei uns cinco anos na fazenda, mas não sei dizer se esse é o tempo certo. Lembro que na fazenda comecei a esquecer minha língua waiãpi, eu não tinha com quem falar minha língua. Com a convivência meu processo de adaptação foi rápido: aprendi a falar português e virei vaqueiro! Trabalhava com o gado, tirava leite das vacas, também trabalhava no plantio e na agricultura.

Comecei meus estudos na zona rural. Meu padrinho contratou o professor Raimundo para me ensinar, pois naquele tempo não havia escola por perto, então eu recebia aulas particulares, uma hora por dia, todos os dias. Era meu primeiro contato com as letras, aprender as vogais e consoantes, os primeiros números... tudo bem devagar. Meu caderno era um papel com pauta, lápis e borracha.

Com o tempo a comunidade reivindicou a construção de uma escola própria e foi construída uma escola de palha, para onde vieram dois professores: Raimundo, que já me dava aulas particulares; e Graça. O professor ensinava português, enquanto a professora Graça ensinava matemática. Os alunos não podiam faltar aula e nem fazer bagunça, era tudo muito rígido e os professores usavam a palmatória, principalmente nas aulas de matemática. Eu apanhei muito! Uma coisa que nunca esqueci foi um dia quando a professora me perguntou:

– Quanto é 25 x 25, Calbi?

– Deixa eu espiar a tabuada professora! – respondi.

– Não pode espiar a tabuada Calbi, tem que estar tudo na cabeça.

– É 625, professora! – falei alto.

– Está correto! Mesmo assim você irá apanhar, porque demorou muito a responder, Calbi! – e me bateu com a palmatória.

Figure 2: Escola Jorge Sadala na atualidade

Fonte: Imagem da internet.

Quando terminei de cursar a escola da fazenda meu padrinho disse que eu podia ir para a cidade de Alenquer, estudar. Ingressei na Escola Jorge Sadala, que era uma escola particular, localizada na rua Pedro Vicente[11]. Essa escola da cidade era diferente da escola da zona rural, havia vários professores e várias disciplinas. A professora Janete era de português, mas tinha a professora Zuíra e outros que não lembro. Eu estudava de manhã, havia regras: hora de chegar, hora do recreio... Eu pegava muito castigo.

A educação para mim era como asa de passarinho quebrada! Me deixavam em pé, encostado na parede, com os braços abertos, ficava até uma hora assim. Me davam castigo porque eu não estava acostumado com as lições, eu não estava preparado, minha leitura era torta, meu português também, mas eu só falava em português, havia esquecido minha língua! Mas não era só eu quem apanhava, os outros alunos também! Eu era muito sapeca, colocava apelido nos colegas, não tinha muita vergonha.

Eu não morava mais com Raimundo, na cidade passei a viver com o irmão dele, Antonio Sousa, e sua esposa, Henriqueta Batista. Em Alenquer vendia picolé para dona Henriqueta, também comprava as coisas no comércio, fazia pequenos serviços. Eles não tinham filhos, então me tratavam como se fosse filho deles. Quando passei para o outro ano deixei de estudar na cidade. Eu não era muito comportado... Um dia um aluno surdo quebrou meu papagaio e eu peguei o menino pela goela! Então meu padrinho me levou de volta para a fazenda, mas não era a mesma fazenda, ela havia sido vendida.

Eu passei a morar na Fazenda Jutaí, também na zona rural de Alenquer. Essa fazenda era bem menor, tinha apenas carneiros, não havia gado. Comecei a trabalhar na produção da juta[12], era um trabalho que eu achava muito ruim, começava a trabalhar de madrugada, com sono. Durante o dia nós juntávamos a juta, e a noite, de madrugada, nós

[11] Hoje a escola chama-se Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Jorge Sadala.

[12] A juta é uma fibra têxtil vegetal, a principal matéria-prima das sacas que embalam café. A cultura da juta e, mais tarde, da malva, na década de 1960, representou o sustento de mais de 60 mil famílias das áreas de várzea dos Estados do Amazonas e Pará, as quais viviam da extração das fibras de juta, sem contar as fábricas e prensas que surgiram e outras que se transferiram do Sudeste para o Norte e se instalaram em cidades polos, como Castanhal, Belém e Santarém, todas no Pará, e Parintins e Manaus, no Amazonas, fazendo o Brasil autossuficiente para importação da fibra (FERREIRA, 2016)

batíamos. Meu padrinho não morava na fazenda, ele havia se mudado para a Vila Curuá[13]. Eu vivia com o capataz, Júlio Campelo, e sua esposa, dona Raimunda Abreu. Agradeço tudo que passei, com muita humildade, porque sempre encontrei pessoas boas, que me tratavam bem.

Acho que meu padrinho lembrou que meu pai havia dito que era para eu morar com meu padrinho. Um dia ele mandou me buscar para morar na Vila Curuá. Meu padrinho tinha dois filhos – Pedro e Lucival –, mas não era casado, ele não tinha esposa fixa. No Curuá, meu pensamento era de, no futuro, ser doutor. Eu colocava aqueles dicionários pretos, antigos, debaixo do braço, e fingia que era doutor, doutor de curar gente. Na vila me enamorei por uma moça e queria me casar com ela, mas a moça disse que só casava comigo quando galinha tivesse dente... Enquanto vivi no Curuá não fui para a escola, trabalhava no comércio do meu padrinho, também pescava e ia para a roça.

Desde essa época eu já gostava de futebol, meu padrinho também, mas tínhamos times diferentes. Eu sempre torci para o Paysandu[14], enquanto meu padrinho era remista. Um dia nós fizemos uma aposta: se o Paysandu ganhasse eu ficaria morando no Curuá, mas se o Remo ganhasse, iria me mudar para a Vila do Mamiá, uma região que fazia limite com o Parque do Tumucumaque[15], bem próxima de onde vivem os Zo'é[16]. O Paysandu perdeu... uma semana depois eu parti com meu padrinho e uma equipe de homens para a Vila do Mamiá.

O padrinho Raimundo escolheu meu trabalho, era um trabalho leve. Eu cozinhava para todos os homens, mais de quinze pessoas, não havia mulheres. Mas eu fui expulso rapidamente da função de cozinheiro, pois me confundi com os temperos e acabei colocando óleo de andiroba na comida. Os homens chegaram para almoçar e cuspiram tudo fora, ficaram muito bravos comigo. Depois que saí da cozinha virei ajudante de

---

[13] A Vila Curuá foi criada em 1900, com projeto do Senador Fulgêncio Simões. Em 1995 a vila tornou-se município. A distância entre Curuá e Alenquer é de 188 km, mas em linha reta são apenas 43 km.

[14] O Paysandu, ou "Papão da Curuzu", é um dos principais times de futebol do Pará, ao lado do Clube do Remo, seu maior rival nos campeonatos estaduais.

[15] O parque Montanhas do Tumucumaque foi criado através de decreto emitido pela Presidência da República em 22 de agosto de 2002, com uma área de aproximadamente 3 867 000 hectares. Tumucumaque é o maior parque nacional do Brasil e o maior parque de floresta tropical do mundo. O parque, que ocupa 26,5 % da área total do estado do Amapá, está inserido na região conhecida como Escudo das Guianas, ao norte da planície amazônica (WIKIPEDIA, 2020)

[16] Povo indígena Tupi-Guarani, os Zo'é estão localizados numa área de refúgio, entre os rios Cuminapanema e Erepecuru, norte do Pará, os Zo'é procuraram manter-se afastados tanto dos povos indígenas vizinhos, que consideram inimigos, quanto dos brancos, que conheciam através de contatos intermitentes. Entraram para a história como um dos últimos povos "intactos" na Amazônia (ISA, 2020)

puxar madeira, mas achei muito ruim! Quando caíamos no igarapé para puxar a madeira da lama minha perna enchia de piolho de poraquê, que os brancos chamam de sanguessuga. Fiquei mais de cinco meses na mata. No retorno fizemos jangada com pedaços de madeira para podermos descer o rio, tinha que ser "artista" para fazer as curvas com essas madeiras, descendo o rio até o Curuá[17].

Nunca recebi dinheiro por esses trabalhos, eu era voluntário, como se diz hoje. A madeira que nós tirávamos da floresta era enviada para Oriximiná, era muita madeira, várias equipes trabalhando na mata, árvores muito grandes, enormes... Teve uma vez que fui com meu padrinho, passamos Óbidos, até chegar em Oriximiná para vender madeira. Meu padrinho ganhava dinheiro com isso... Depois voltamos para Alenquer, onde ele abriu um bar no qual fiquei trabalhando.

Eu já estava grande e meu padrinho me mandou de novo para estudar, trabalhava de dia e a noite estudava na Escola Maria Valmont[18], em Alenquer. Eram muitos alunos, havia turmas de manhã, a tarde e à noite, mas eu estudava a noite porque precisava ajudar meu padrinho. Eu vou comparando... naquele tempo não havia divertimento, não tinha celular, não tinha televisão, meu cérebro estava descansado, por isso que foi bom estudar na escola, eu estava concentrado. Até agora eu lembro do nome do meu colega, chamava-se Nilson. Ele me disse:

– Por que índio passa e eu não passei? – ele havia ficado reprovado.

Concluí a quinta série nessa escola. O Antonio Sousa – irmão do meu padrinho, com quem voltei a morar em Alenquer – um dia, me perguntou:

– Você quer ir para o Esquadrão da Fumaça? Vou escrever uma carta para lá!

Não sei exatamente para onde o Antonio Sousa escreveu a carta, mas tempos depois chegou à resposta, era sim! Eu podia escolher entre Belém e Minas Gerais, então escolhi Belém, pois havia família do meu padrinho na capital.

Naquele tempo as malas eram de madeira, não era como agora. Eu coloquei minhas coisas na mala e fui para o aeroporto de Alenquer, esperar o avião da Força Aérea

---

[17] A distância em linha reta entre Oriximiná e Curuá (ambas no Pará) é 78.69 km, mas a distância de condução é 132 km.

[18] Seu nome atual é Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Maria Valmont e está localizada na Rua Antonio Monteiro Nunes, Bairro Aningal em Alenquer–PA

Brasileira (FAB) que vinha da Missão Tiriyó[19]. Quando o avião aterrissou já estava tudo pronto, o comandante olhou para mim e perguntou:

– Quem é você?

– Sou Calbi, sou indígena – respondi.

– Mas você é menor, cadê seu responsável? Onde você vai ficar? – indagou.

– Eu vou ficar em Santarém! – menti para o comandante.

O Chico Teixeira, amigo do meu padrinho, ainda não havia embarcado. Era ele que estava responsável por me levar para a casa da irmã do meu padrinho, em Belém. Quando o avião chegou em Santarém o comandante veio falar comigo:

– Você não ia descer aqui? – perguntou.

– Não, vou para Belém! – respondi, eu havia enganado o comandante!

Quando, finalmente, chegamos ao aeroporto de Belém, o senhor Chico Teixeira me levou para a casa da irmã do meu padrinho, Cesarina, que vivia com sua irmã Lídia e o seu sobrinho Francisco. A casa ficava na rua Aristides Lobo, 134, no bairro do Comércio, perto de tudo, no centro de Belém.

Figure 3: Imagem atual da Rua Aristides Lobo

Fonte: Google Maps

[19] A Missão Tiriyó é a principal aldeia dos Tiriyó, povo cuja língua é classificada como pertencente à família linguística Caribe. No Brasil, os Tiriyó, juntamente com alguns grupos vizinhos (principalmente Katxuyana, Txikuyana, Wayana e Aparai) habitam a Terra Indígena Parque de Tumucumaque. Trata-se de uma área localizada ao norte do Pará e noroeste do Amapá, nos municípios de Oriximiná, Almeirim, Óbidos e Alenquer (ISA, 2020)

Chegando na casa da Cesarina o Chico Teixeira bateu na porta. A senhora abriu e ele foi logo dizendo:

– O Raimundo mandou um índio para cá!

Não havia nenhuma carta, nada, somente o recado dado pelo Chico Teixeira.

Dormi em um quarto sozinho, bem de frente para a rua Aristides. Eu gostava de espiar o movimento dos carros, do povo. A primeira vez que eu vi televisão foi lá! Sabe que ano isso? 1978, ano da Copa do Mundo na Argentina.

No outro dia o senhor José Brás, irmão do meu padrinho, veio me visitar. Ele era ex-combatente da Segunda Guerra Mundial. José Brás me indagou sobre o motivo que tinha me levado até Belém. Eu respondi:

– Vim para cá para estudar.

José Brás então me disse que ia procurar uma escola e me ajudar com a matrícula. Fomos direto para o Colégio Paes de Carvalho[20], mas lá só tinha o segundo grau e eu ainda não havia concluído o primeiro grau. A diretora do Paes de Carvalho nos indicou o Colégio do Carmo[21], dos padres salesianos, onde fizemos minha matrícula na quinta série.

Figure 4: Colégio do Carmo, ao lado da Igreja Nossa Senhora do Carmo

[20] Fundado pelo então presidente da província do Pará: Bernardo de Sousa Franco, no dia 28 de julho de 1841, com denominação de Liceu Paraense, o Paes de Carvalho é a instituição pública de ensino mais antiga em funcionamento do Estado do Pará. Em 2020 o Paes de Carvalho comemora 179 anos de história.

[21] O Colégio Salesiano Nossa Senhora do Carmo (ou simplesmente Colégio do Carmo) está localizado às margens da baía do Guajará, no largo do Carmo, no bairro da Cidade Velha em Belém do Pará e ocupa a área do antigo convento dos Carmelitas Calçados, que chegaram no Pará em 1626 (data da fundação do convento), vindos de São Luís do Maranhão. O Colégio foi fundado no dia 1 de janeiro de 1930, no mesmo local onde, trezentos anos antes, os carmelitas iniciaram a construção de uma casa para servir de apoio ao trabalho missionários com os indígenas, e que mais tarde serviria de fortim no movimento popular da Cabanagem. Este Colégio é um dos mais tradicionais estabelecimentos de ensino de Belém.

Fonte: Imagem da internet (Disponível em: https://mapio.net/pic/p-41652374/)

Voltei com o José Brás para a casa da Aristides Lobo. Chegando lá, ele puxou uma nota de mil cruzeiros:

– Você conhece, Calbi? – perguntou.

– Sim, eu conheço! – respondi.

– Então você irá trabalhar comigo! – afirmou José Brás.

Com José Brás passei a trabalhar em um comércio que vendia baterias para carro e embarcação. Lá também fazíamos recarga de baterias. O comércio ficava na Travessa Dom Bosco, a mesma da escola dos padres salesianos. José Braga havia alugado o ponto dos próprios padres. Eu trabalhava de manhã e de tarde, à noite ia para o colégio. Lá era tudo muito diferente... havia pessoas mais preparadas, eram outros assuntos nas aulas, os professores faziam muitas atividades, fiz muitos trabalhos, tinha livros, tudo diferente da escola de Alenquer. O tom dos professores era outro e eu tinha mais dificuldade para entender o que eles diziam. O colégio era dos padres, mas os professores não. Lembro do professor Cosmo, de geografia. Ele passou uma prova onde pedia para citar três

fenômenos que ocorrem no rio Amazonas. Eu era muito bom de geografia! Meu colega, Isaías, que se sentava atrás de mim, me disse:

– Calbi, me dá uma cola! – pediu Isaías.

– Pororoca, terra caída e cheias anuais – respondi a ele.

Isaías fez a cola e, na correção, a minha resposta estava certa, mas a do Isaías estava errada. Ele havia colocado assim: pororoca rasteira. A professora brigou com ele e puxou a sua orelha.

Continuei estudando no Colégio do Carmo até 1985. Me acostumei com a cidade grande, mas me perdi muitas vezes: não conhecia as ruas, as linhas dos ônibus. Uma vez estava indo para a casa do José Brás e fui parar lá na Pedreira[22], havia entrado no ônibus errado. Quando estudava em Belém tinha muito assalto, o bairro do Jurunas, para onde o José Brás havia mudado, era muito perigoso. Eu fui muito turista quando estava no Pará, gostava de passear. Conheci Icoaraci, Outeiro, Ananindeua, Marituba, Benevides, Benfica, Mosqueiro, Santa Isabel, Castanhal, Salinas, Santa Maria... se for contar tudo vai dar muita cidade, teve Marabá, Capitão Poço, Capanema, Garrafão, Inhangapi, Irituia, São Miguel do Guamá... e outros. Costumava viajar muito com a Perpétua, filha da minha madrinha Jacira. Pina, marido da Perpétua, era comerciante e, quando eu tinha oportunidade, viajava com os dois. Aproveitei muito Belém, ia com frequência ao Estádio da Curuzu assistir ao jogo do Remo com o Paysandu.

Foi em Belém que consegui tirar meus documentos: carteira de identidade, CPF, reservista e título de eleitor. Nunca esquecerei a família do José Brás, principalmente sua esposa, Maria Helena, e suas filhas Cesarina, Maria de Lurdes e Lúcia. Foram eles que me deram todo o apoio na capital, somente por causa deles consegui estudar.

No Colégio do Carmo havia muita religião, educação religiosa. Eu tive que me integrar a outra religião, a católica. Tinha que rezar pai-nosso, ir à missa, respeitar os dias santos, acompanhar o Círio de Nazaré. O padre Pedro procurava valorizar minha cultura, respeitava a questão indígena. Nessa época tinha um padre indígena, vindo de São Gabriel da Cachoeira, o nome dele era Sebastião, mas não lembro de qual povo. Tem uma memória que guardo na lembrança. Quando o Papa João Paulo II esteve em Belém, no

[22] Pedreira é um dos bairros de Belém, conhecido por ser o bairro do samba e do amor, apelido que tem origem dos festejos de carnaval.

ano de 1980, próximo a Igreja da Sé, hoje Catedral Metropolitana de Belém, eu estava na multidão de pessoas que o acompanhavam, mas consegui pegar na mão dele! Nunca vou me esquecer!

Uma coisa muito importante que preciso dizer é que nunca me envolvi em maldade, na minha convivência sempre lembrava os conselhos de meu pai Curupirã, nunca fiz coisa errada. Muito tarde foi que me envolvi na camaradagem dos Waiãpi, principalmente do casiri[23].

No Colégio do Carmo toda merenda tinha que ser comprada. Nas aulas, inclusive de Educação Física, era preciso usar uniforme para poder entrar na escola. Eu comprava meu uniforme com o dinheiro que ganhava trabalhando na oficina do José Brás, não tinha carteira assinada, mas o trabalho era remunerado. O Colégio era rígido, se não chegasse na hora o portão principal era fechado e o aluno ficava do lado de fora. As turmas já eram misturadas, havia rapazes e moças estudando juntos. Eu gostava de ler jornal, principalmente quando falava de política e de esportes, sempre gostei de assunto político. No último ano que estudei neste Colégio reprovei em matemática, porque era difícil aprender regra de três e equação do segundo grau, então eu sempre ficava em matemática, mas geografia, história e ciências era comigo mesmo! Saí do Colégio do Carmo em 1985, quando concluí a oitava série.

Nessa época eu morava bem pertinho da FUNAI[24] de Belém, mas a FUNAI não sabia que havia Waiãpi lá. Quando conclui, em 1985, fui atrás do professor Calandrin, um alenquerense que trabalhava na Escola Agrotécnica Federal de Castanhal[25], município distante 68 quilômetros de Belém. O professor Calandrin me levou até o diretor geral, o senhor Manoel Claudino, que disse que eu só poderia estudar na escola por intermédio da FUNAI. Foi então que, pela primeira vez, fui atrás da FUNAI, no bairro Batista Campos, em Belém. Quando cheguei lá juntou-se uma equipe formada pela antropóloga Carmen, depois transferida da FUNAI para a UFPA[26]; a assistente social Marta; o sertanista João Carvalho, que falava uma das línguas Tupi e já é falecido; e um indigenista de quem não lembro o nome. Os servidores da FUNAI estavam muito surpresos por eu estar em Belém,

---

[23] Bebida tradicional dos Waiãpi, fermentada, a base de mandioca.
[24] Fundação Nacional do Índio.
[25] Em 29 de dezembro de 2008, conforme a Lei nº 11.892/2008, a Escola Agrotécnica Federal de Castanhal foi transformada em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Campus Castanhal.
[26] Universidade Federal do Pará.

pois meu povo era de recém contato e não havia muitos Waiãpi, principalmente que vivessem fora da aldeia. Lembro somente de mim e de outro Waiãpi, que era deficiente e foi trazido para a Casa do Índio da FUNAI em Icoaraci, pois naquele tempo não havia a Casa de Saúde Indígena (CASAI). O nome desse waiãpi era Pituco[27], meu parente, que o não índio chama de primo de segundo grau. Nós temos uma ligação. Quando sai da aldeia os mais velhos souberam que eu estava morto, que o avião que me levou tinha caído. O pai de Pituco colocou o nome dele assim em minha homenagem, pois sou Pitukuja'y.

Figura 2: Fachada da atual Casa de Saúde Indígena no Distrito de Icoaraci - Pará

Fonte: Imagem retirada do Google Maps

Foi a assistente social quem fez um documento e me levou para a escola em Castanhal, onde passei a estudar em regime de internato. Essa escola era bem diferente das outras. Minha turma era muito grande, havia o regime de semi-internato, para os estudantes que moravam em Castanhal ou cidades vizinhas; e o regime de internato, para os que, como eu, vinham de muito longe. Quando os novatos chegavam os colegas davam logo um apelido. Meu apelido era Menudo, por causa do meu cabelo, até hoje os colegas que estudaram comigo em Castanhal me chamam de Menudo, mas eu dei o troco para eles, apelidei muitos: Cara-de-cachorro era o Eduardo, vindo de Rondon do Pará; Cara-de-passarinho era um garoto de Maracanã; Jabuti-espacial vinha de Altamira; Quatipuru era de Jambu-Açu; e Tracajá era o Pedro, um colega que veio de Óbidos.

Figure 5: Prédio administrativo do atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA) Campus de Castanhal.

Fonte: IFPA

[27] Na língua waiãpi seria Pituku, mas mantivemos a ortografia com <c> pois é assim que consta nos registros.

Em Castanhal eu gostava muito de participar da Feira Agropecuária de Castanhal[28], realizada em um espaço em frente a nossa escola. Íamos para a Feira tanto para trabalhar quanto para assistir aos rodeios. Todos os anos éramos divididos para atender a um setor, fiquei muitas vezes na suinocultura e na agropecuária. Na escola havia muitas regras que todos precisávamos cumprir. Pontualidade era fundamental, tanto nas aulas quanto nos trabalhos de campo, refeitórios e alojamentos. Tínhamos horário para tudo. Os internos eram somente homens, mas no regime de semi-internato havia algumas mulheres. No meu quarto éramos quatro – Pedro, Eduardo Praton, Fernando Maquioé e eu –, dormíamos em camas distribuídas em dois beliches.

Figura 3: Vista aérea da cidade de Castanhal

Fonte: Imagem da internet

Em meu primeiro ano tínhamos aulas teóricas pela manhã. A tarde havia as aulas práticas de olericultura, jardinocultura, avicultura, apicultura, piscicultura, mecanização e educação física. Para mim as aulas práticas eram muito boas, principalmente as de avicultura, com o professor Emano, que apelidamos de Popeye. Além dessas disciplinas estudávamos também português, geografia, matemática, biologia, química, artes e inglês. Nessa época lembro que havia quatro indígenas estudando, além de mim: Diogo, que é Galibi-Marworno; João Paulo, que era Karipuna, já falecido; Fabiano, também Galibi-Marworno; e Isaías, do povo Munduruku. Destes, somente Fabiano e eu concluímos os estudos na Escola Agrotécnica Federal de Castanhal.

Figura 4: Vista aérea do Parque de Exposição da Feira Agropecuária de Castanhal - EXPOFAC

Fonte: Guia de Castanhal

Quando acontecia algum problema a assistente social Cândida fazia reunião com os alunos. Geralmente os problemas estavam relacionados a brigas, consumo de bebida alcóolica, suspeitas de uso de maconha, roubo de objetos de colegas e saídas sem permissão, eram as famosas fugas. Vi alguns colegas serem expulsos por causa de

[28] A EXPOFAC – Exposição e Feira Agropecuária de Castanhal é o maior e mais antigo evento da região voltado exclusivamente para o agronegócio no norte do Brasil.

infrações consideradas graves, como roubo. Nesse período tive uma amiga que era semi-interna, seu nome era Lucinéia, que apelidamos de Panda, por causa de seu cabelo comprido. Ela era filha da Dalva e do Nonato, um ex-militar aposentado. Lucinéia morava no Conjunto Satélite, em Belém e, todos os dias, se deslocava até Castanhal para estudar. Também encontrei uma índia que havia vindo muito pequena para a cidade, era da região de Manaus, mas não sabia mais qual era seu povo. Seu nome era Ruth e tinha um corte na orelha. Ruth era servente de uma escola municipal em Castanhal e, nos fins de semana, eu costumava ir até sua casa, localizada próximo da fábrica da Hiléia[29], na rua 1 de Maio. Gostava de ir para a casa da Ruth pois lá encontrava Cutia e Matias, dois indígenas do povo Parkatejê, de Mãe Maria[30], em Marabá. Matias era casado com Rosa, filha de Ruth. Esses parentes Parkatejê me contaram que havia dois Waiãpi vivendo com eles, em Mãe Maria. Esses Waiãpi haviam chegado lá pequenos e fazem parte de um grupo que saiu do Morokopoti e do Ymitiku, uma história que envolve conflitos e a morte de meu irmão, mas não quero falar sobre isso. Os Parkatejê me convidaram para ir até Mãe Maria conhecer esses parentes, mas não pude ir porque precisava terminar meus estudos.

Nos finais de semana eu também costumava ir até a Casa do Índio da FUNAI, no distrito de Icoaraci. Lá me encontrei com uma mulher waiãpi chamada Karana'ĩ. Ela não falava bem português e eu já não entendia o waiãpi, mas o Pituco, que ainda estava na Casa do Índio, fazia a tradução para mim. Karana'ĩ me perguntou:

– Você vai voltar para nossa terra? Tem teus parentes lá ainda, mas teu pai não está mais vivo.

Fiquei muito triste com a notícia de meu pai e respondi que voltaria para nossa terra quando concluísse meu primeiro ano. Na Casa do Índio fiz amizades com vários povos: os Tembé do Alto Rio Guamá; os Kuruaya e Arara de Altamira; Waiwai, que fazem limite com os Zo'é; Munduruku de Itaituba; Parakanã de Tucuruí; Kayapó de Redenção; Kayapó-Xikrin de Marabá; Assurini do Trocará; Anambé, de perto de Tucuruí; Aparai, Wayana e Tiriyó, do Tumucumaque. Na Casa do Índio também conheci o cacique Raoni[31], que me chamava de "beipiri", não sei se a escrita está correta, mas a tradução

[29] Empresa da indústria alimentícia com sede e fábricas em Castanhal.
[30] Terra Indígena Mãe Maria.
[31] Raoni Metuktire é um líder indígena do povo Kaiapó, conhecido internacionalmente por sua luta pela preservação da Amazônia e dos povos indígenas.

em Kayapó é “meu neto, homem pequeno”. Tudo isso foi no meu primeiro ano estudando em Castanhal.

Fui promovido para o segundo ano, mas as disciplinas eram diferentes. E fui estudar suinocultura junto com o Eduardo Praton, que mora em Macapá e com o qual ainda mantenho contato; Fernando Maquioé, que vive em Altamira; e eu. Fazíamos muitas visitas a EMBRAPA[32] em Belém para ver os trabalhos de piscicultura e pegar mudas de plantas. Nós também viajávamos para Terra Alta, município próximo de Castanhal, para visitar os horticultores; e Curuçá, onde havia produtores de camarão. Naquele tempo o esporte na escola era muito forte, tínhamos um time de futebol de salão que ia disputar no ginásio municipal, o Loyola Passarinho. Eu acompanhava o time na torcida, gostava muito de ver o jogo, gosto muito de esporte.

Quando estava no segundo ano tivemos uma candidata da nossa escola concorrendo a Rainha da EXPOFAC, era a Sandra, de Santa Isabel. Ela não ganhou, quem venceu foi uma candidata da AMAFRUTA, uma empresa importante à época, mas que foi à falência. Também participei, no segundo ano, de um encontro que falava de vários assuntos, entre eles a questão indígena, terra e meio ambiente. Eles diziam que a terra para indígena era como supermercado, pois de lá os indígenas tiravam seus alimentos. Nesse evento peguei o microfone pela primeira vez, disse que era indígena Waiãpi, mas que havia esquecido a minha língua materna.

Nas férias daquele ano o sertanista João Carvalho me chamou para voltar, para ir até meu povo Waiãpi. Fomos João Carvalho, eu e o Pituco, que finalmente saíra da Casa do Índio. Viajamos no avião da VASP[33] e fui parar no bairro do Pacoval, em Macapá, na casa do cunhado do João Carvalho. No outro dia, João Carvalho foi até a oficina, pegou um carro da FUNAI – naquela época, não havia FUNAI em Macapá – e, no dia seguinte, bem cedinho, viajamos.

João Carvalho dirigia o carro que levava Pituco e eu. Minha mochila não era mais jamaxi! A Polícia Rodoviária nos parou e revistou toda minha sacola, mas eu só tinha roupa velha. Dentro do meu peito eu carregava muito receio. Todo tempo da viagem eu pensava como seria, também tinha medo do meu povo me prender e eu não voltar mais

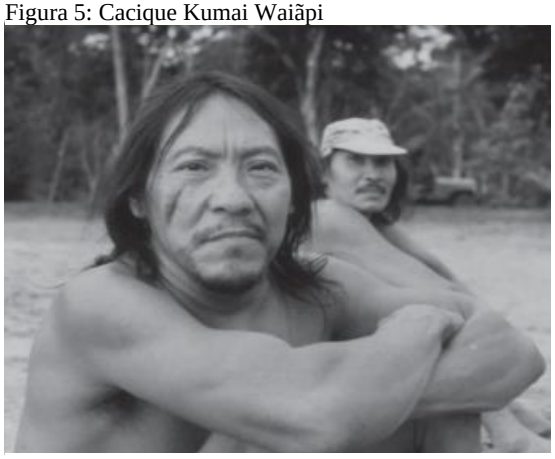
[32] Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.
[33] A Viação Aérea São Paulo foi uma empresa de aviação comercial brasileira que deixou de operar em 2005.

para terminar meu estudo. Na entrada da Perimetral Norte, BR-210, acabou o asfalto, é assim até hoje, e a viagem ficou muito longa, longa demais[34]. Paramos na comunidade de Riozinho para almoçar em um restaurante que pertencia ao irmão do ex-governador do Amapá, João Alberto Capiberibe. Depois do almoço continuamos a viagem e passamos a última comunidade, hoje chamada Tukano II. Lá o João Carvalho me disse:

– Está perto da terra do seu povo!

O dia havia passado rápido e estávamos no final da tarde. Comecei a ficar preocupado porque eu estava vestido de homem branco, não sabia falar mais waiãpi, meu nome agora era Calbi Amazonas de Sousa... como meu povo iria me receber?

Figura 5: Cacique Kumai Waiãpi



Fonte: Foto retirada do livro "Terra Indígena Waiãpi" (Gallois, 2011).

Chegamos na aldeia Aramirã, que significa "terra vermelha". Lá, fomos recebidos pelo chefe de posto, Iberê Sassi, funcionário da FUNAI, cuja esposa era técnica de enfermagem na aldeia. Veio o cacique Kumai Waiãpi acompanhado de muita gente, muitos waiãpi para me ver e falar comigo. O cacique disse:

– Oari!

Eu lembrei o significado, mas minha língua ficou presa, não consegui responder ao cacique. Depois ele perguntou meu nome, sempre falando em waiãpi. Eu entendia zero do que ele dizia, mas Pituco traduzia. Respondi:

– Meu nome é Calbi.

Me deram meu segundo apelido! Quando respondi "Calbi" o cacique entendeu "covi", que significa "amanhã" e começou a me chamar de Covi. Fui reconhecido pelo próprio Kumai e pelos mais velhos: Kurapi'a, Tzako, Saramare, Jurara – que hoje é meu

[34] A distância entre Macapá e Pedra Branca do Amapari são 189 km por estrada. No Amapá, a Perimetral Norte – BR-210 foi iniciada em 1973, aproveitando os 102 quilômetros já construídos pela ICOMI para exploração da Serra do Navio, saindo de Macapá. O projeto foi suspenso em 1977 depois de 170 km construídos, que hoje terminam dentro da Terra Indígena Waiãpi.

sogro, e Arana'i, hoje minha sogra. Eles perguntaram o porquê de tanto tempo... porque eu não havia voltado logo...

Ficamos somente um dia no Aramirã. No outro, de manhã cedo, partimos para a aldeia Ytuwasu, onde fomos recebidos por um missionário da Missão Novas Tribos do Brasil, onde havia missionários brasileiros e americanos, tudo misturado. A comunidade fez uma reunião com o João Carvalho para retirar Iberê da função de chefe de posto, pois havia falecido o waiãpi Japakãmi, em decorrência de malária. Os Waiãpi atribuíam o falecimento ao fato de Iberê não ter encaminhado o indígena doente para Serra do Navio. João Carvalho fez um relatório para levar para seu chefe em Belém, tempos depois Iberê foi substituído por Dilson Marinho, também funcionário da FUNAI, vindo da capital.

Logo após minha chegada começaram a aparecer muitas pretendentes para mim, mas eu não queria ficar comprometido, queria continuar meus estudos... Na nossa cultura tem casamento próximo, em geral a filha da irmã do meu pai é preferida como esposa. Eu tinha muitas primas... muitas pretendentes...

Continuamos viagem até a aldeia Taitetuwa, onde morava Saramate, pai de meu amigo Pituco. Lá encontrei Matapi, irmão da minha mãe Samyka. Minha sorte era que ele já tinha casado todas suas filhas, mas Matapi não queria que eu partisse, correu atrás de mim para que eu não fosse embora.

– João Carvalho, socorro! Ele quer me deixar aqui! – gritei, fugindo de Matapi.

– Não, ele tem que voltar, precisa terminar os estudos – explicou João Carvalho. E acrescentou que eu voltaria quando concluísse tudo.

Em cada aldeia que passávamos ficamos somente um dia. João Carvalho visitava e fazia seu trabalho, eu ia junto. Naquele tempo não havia muitas aldeias, então voltamos para Aramirã, de lá partimos de carro até o porto Jacaré, onde pegamos uma voadeira que nos levou até a aldeia Mariry, em que fomos recebidos pelo cacique Wayway Waiãpi, pai de meu amigo Tarakuasi, que era moleque na época. Nessa aldeia encontramos Miritino Mendes, atendente de saúde da FUNAI, e dois irmãos do meu pai Kurupirã, Matã e Arawyra. Meus tios me reconheceram, mas nada de falar waiãpi com eles.

Fui pedir casiri doce, casiri de criança. O nome é “casiri miti” mas eu chamava “casiri mirim”, todos ficavam rindo de mim. A noite teve festa dos jovens, foi servido kasiri wasu, uma bebida forte, feita para embriagar. João Carvalho me disse para não beber, pois no outro dia iríamos partir. eram todos bem jovens. Mas eu desobedeci, bebi o kasiri, fiquei embriagado e me despedi para dormir, porque tinha que partir no outro dia.

Figure 6: Cacique Emyra Waiãpi

Fonte: Revista Veja

De manhã cedo comecei a me preparar para voltar para o Aramirã. Os parentes pediram para eu voltar, não ficar para sempre na cidade. Conosco foram três parentes: o cacique Emyra Waiãpi[35], meu tio Matã e Sara, outra liderança que hoje é cacique. O objetivo deles era levar um pouquinho de ouro para ser vendido em Macapá. Descemos juntos o rio. Lembro que havia uma árvore de bacaba repleta de frutos maduros e pediram para eu subir. Acho que eles queriam me testar, mas subi com tranquilidade e retirei os frutos. Chegamos em Aramirã onde dormimos e, no dia seguinte, partimos em direção a Macapá: João Carvalho, Sara, Emyra, Matã, Edilson Marinho e eu.

Nessa minha viagem me chamou atenção que havia três waiãpi que já trabalhavam na FUNAI, dentro da aldeia: Kumai, Tzako e Kurapi’a. Também vi que os missionários estavam lá, no meio dos Waiãpi, ensinando a língua materna e a leitura. Os missionários tentavam ensinar os Waiãpi para virar pastor, mas Waiãpi não consegue ficar muito tempo com a bíblia embaixo do braço. O kasiri é muito forte em nossa cultura.

Retornamos na mesma trajetória, de Macapá para Belém no avião da VASP. Depois voltei para a o internato na Escola Agrotécnica. Naquele ano, no segundo semestre, houve um surto de catapora na escola. Eu também adoeci e fui internado na Casa do Índio de Icoaraci. Meu corpo parecia cheio de ninho de caba. Na minha escola, naquela época, não havia equipamentos, máscara, luvas... nenhuma proteção para os alunos que trabalhavam. Não havia higiene dentro da suinocultura, bovinocultura, agricultura. Só tinha botas, era somente isso que nós usávamos de proteção. Mas os alunos castravam os suínos, limpavam a pocilga... Da catapora eu fiquei bom, mas tive outros problemas...

[35] O cacique Emyra Waiãpi foi vítima de um assassinato em julho de 2019.

Minha doença começou lentamente, pensávamos que era conjuntivite. Doutor Roberto falou que era conjuntivite, ele trabalhava na Casa do Índio de Icoaraci, mas deu o diagnóstico sem me examinar. Voltei para a Escola e começou a agravar as dores nos olhos. Minha amiga Lucinéia me levou para a casa dela, no conjunto Satélite. Brás, irmão do meu padrinho, soube que eu estava com problemas e pagou uma consulta particular na Santa Casa de Misericórdia. Quem me atendeu foi o doutor Orlando, que também fez exames. Os exames apontaram uma doença rara, eu tinha úlcera na córnea[36], que foi agravada pelo contato que com os animais. O médico disse que iria tentar salvar minha visão, aplicou injeções... sai chorando e com muita dor. Fui chorando dentro do ônibus até o conjunto Satélite, mas não melhorei. A FUNAI também soube que eu estava doente e disseram que eu precisava realizar uma cirurgia, mas não havia recursos para isso. A única alternativa era o irmão do meu padrinho, José Brás, que tinha recursos para a cirurgia. Ele iria pagá-la e a FUNAI faria a reposição desse recurso para o Brás.

Antes da cirurgia fiz exames, perguntaram se eu bebia ou fumava, disse que não. Marcaram minha cirurgia na Santa Casa, tudo particular. Foram mais de quatro horas de cirurgia, depois fui encaminhado para a enfermaria. Helena veio me visitar, toda a família da Lucineia, a FUNAI. Fiquei três dias internado. Voltei para a casa da Lucineia, de onde o carro da FUNAI me apanhava para fazer o curativo.

Quando fiquei melhor pedi para minha amiga Lucineia me levar para a Casa do Índio em Icoaraci, onde recebi a visita do diretor da Escola Agrotécnica Federal, Manoel Claudino. Ele viu meu estado, fez um relatório e enviou para Brasília para adquirir materiais de segurança e higiene para a escola. Meus colegas me disseram que, depois do que aconteceu comigo, chegou muitos materiais. Naquele tempo meus colegas me disseram para processar a escola, mas eu não tinha apoio jurídico, nem fui orientado pela FUNAI a tomar essa atitude. Toda essa situação fez com que eu perdesse o ano, ficasse reprovado. Voltei com o doutor Orlando que me disse:

– Calbi, você vai usar um olho artificial, do lado esquerdo, ninguém vai perceber.

Desde essa época perdi a visão total do olho esquerdo, mas o olho direito ainda tinha 90% de visão. Naquela época meu padrinho ainda era vivo e soube o que havia acontecido. Então mandou me buscar de volta para Alenquer, para onde fui a bordo do

[36] Úlcera de córnea é a situação patológica ocular onde há uma erosão na córnea, causada por uma infecção por bactérias, protozoários, fungos ou vírus.

navio Comandante Rondon. Sai de Belém e desci em Monte Alegre, de onde parti de ônibus para Alenquer, mas resolvi parar em um local chamado Encontro dos Amigos, na beira da estrada, de propriedade do irmão do João Campelo, da fazenda Jutaí. Fiquei com eles um dia e, no outro, no mesmo ônibus, segui viagem.

Descendo em Alenquer procurei a casa do meu padrinho, que havia se mudado da Rua Lauro Sodré, onde morei, para outro bairro. Peguei um táxi até o novo endereço, mas meu padrinho não estava, ainda não havia chegado da Boate Cacuruta, que tinha esse nome porque ficava localizada no topo de um pequeno morro. Essa boate era de propriedade do meu padrinho.

Eu sempre gostei de natureza, de morar no interior, então pedi para meu padrinho me levar para viver no sítio Lata Velha, que ele havia adquirido durante o tempo que vivi em Belém. O sítio ficava às margens do rio Mamiá, entre Alenquer e Óbidos. Lá era muito interessante, parecia aldeia, somente natureza, muita fartura de peixe e caça, muito jabuti, castanha, pequiá, bacaba. Vi uma coisa muito interessante, acho que era o único local em que vi nascer açaí na terra firme. Fiquei nesse sítio uma semana, mas tive que retornar para Castanhal. Nessa viagem foi a última vez que vi meu padrinho. Antes de partir ele me perguntou:

Figura 6: Pituco Waiãpi, artista que pintava com a boca.

Fonte: Imagem da internet

– Calbi, o que você quer? Ficar comigo ou voltar para a aldeia?

Eu não dei resposta, não havia terminado meus estudos então ainda não podia escolher para onde eu iria. Nessa viagem também vi os dois filhos do meu padrinho, mas foi uma viagem rápida, precisava retornar. Fiz o trajeto inverso: ônibus para Monte Alegre e navio para Belém, depois a Casa do Índio, onde me apresentei para a assistente social Lurdinha, uma mulher muito brava. Foi ela quem mandou Pituco ir morar com o pai dele, mas não deu certo.

Figura: Pituko Waiãpi

Fonte: Museu do Índio

Não cuidaram dele direito na aldeia, então ele ficou mais doente, ficava todo o tempo na rede, deitado, o corpo dele foi ficando duro[37], até perder os movimentos, então mandaram Pituco de volta para a Casa do Índio em Icoaraci. Pituco virou um artista, aprendeu a desenhar com a boca, mas só desenhava coisas da nossa cultura. Em seus desenhos pintava nossos bancos, arcos e flechas e muitos elementos da natureza, como borboletas e animais. Ele ficou muitos anos na Casa do Índio.

Voltei a estudar em Castanhal, refazer meu segundo ano, com outra turma. Eu não queria mais ficar no alojamento de suínos, com os animais, voltei para o alojamento onde tinha ficado quando ingressei na escola. As coisas estavam muito diferentes por causa da minha visão, tive que me acostumar. Pela manhã as aulas teóricas, a tarde aulas de campo, mas também iniciei os estágios. Fui à FUNAI procurar a assistente social Marta para me ajudar a fazer meu estágio no Alto Rio Guamá, na Terra Indígena dos Tembé. A FUNAI me autorizou e eu fui para Capitão Poço. Quando cheguei em Capitão Poço procurei um funcionário da FUNAI que me levou até à margem do rio Guamá. Lá era preciso soltar um foguete, que era o sinal para que os Tembé viessem até a margem, geralmente avisando a chegada de pessoas ou mercadorias. Nesse dia eles vieram me apanhar em uma canoa de madeira com motor.

Cheguei na aldeia e me apresentei para o chefe de Posto Salomão Napoleão, da FUNAI. Também me apresentei ao cacique Raimundo Tembé, da aldeia Alto Rio Guamá. Fiquei um mês entre os Tembé fazendo meu estágio na área de avicultura, postura e produção de ovos e doenças de bananas. Eu juntava os ovos, dava milho para as galinhas, eram caipiras, não galinha de granja. De manhã e de tarde eu ficava nessas atividades, de segunda a sexta. Nesse período houve um torneio de futebol no Alto Rio Guamá, em que se juntaram outras comunidades. Lá que eu vi pela primeira vez na história um jogador expulsar um juiz porque não estava contente com o juiz. Jogador e juiz eram indígenas e eu achei aquilo muito engraçado, ri tanto... À noite eu costumava pescar com o Piná, que era líder na aldeia, mas não era cacique ainda. Não é farto o rio Guamá, pescava muita arraia, que o Piná matava com zagaia. A irmã do Piná, América Tembé, era quem

[37] Pituco nasceu em 13 de outubro de 1977 e teve poliomielite aos dois anos de idade, quando foi removido para a Casa do Índio em Belém. Mais tarde seus problemas agravaram-se e Pituco ficou tetraplégico. Pituco se tornou um artista que pintava com a boca. Ele e irmão de Silvia Waiãpi. Durante sua vida, Pituco foi personagem de uma ampla discussão sobre os rituais tradicionais dos povos indígenas. Veja a reportagem do Fantástico de 07 de dezembro de 2014, disponível em: http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/12/tradicao-indigena-faz-pais-tirarem-vida-de-crianca-com-deficiencia-fisica.html

cozinhava nosso alimento. Ela estava se preparando para ser técnica em enfermagem. Era nova, bonita, morena... e eu comecei a me apaixonar por ela. Eu descobri que ela tinha dois amores: o Napoleão, chefe do Posto; e eu. Eu dormia na casa dela, mas era o Napoleão que pagava seus estudos... Ela me disse que seus planos eram ir para o Maranhão, não sei se para a cidade ou para viver entre os Tembé do rio Gurupi. Depois de duas semanas na aldeia Alto Rio Guamá fui para a aldeia São Pedro.

Quando cheguei a aldeia São Pedro me apresentei ao cacique, mas não lembro quem era ele. Nessa aldeia estava dando muita doença de banana e eu iria ajudar os Tembé com esse problema. Pedi para a comunidade reivindicar a vinda da EMBRAPA[38]. Fiquei uma semana acompanhando a evolução da doença nas bananas, depois subi para a aldeia Tawari, onde fui somente fazer visita. Nessa aldeia era realizado o ritual da Menina Moça, mas na época em que visitei as meninas estavam ainda reclusas, aguardando o tempo do ritual. Fiquei apenas três dias e voltei para o Alto Rio Guamá, onde fiz amizade com o tembé Antonio, mais conhecido por Antonio Macaco. Ele me levou para ver o trabalho que estava realizando com a malva. Depois fui conhecer, junto com o Piná, a aldeia Tuwasu, foi uma viagem rápida, voltamos no mesmo dia. Depois de um mês retornei para a escola de Castanhal. Dessa vez consegui concluir o segundo ano e passei para o terceiro.

Figura 7: Mário Juruna, Fafá de Belém e Tancredo Neves em Belém durante a campanha eleitoral para a Presidência da República

Fonte: CPDOC – Fundação Getúlio Vargas

Antes de falar do terceiro ano quero lembrar que eu estava em Castanhal quando o presidente eleito, Tancredo Neves, morreu. Eu estava torcendo para que ele fosse um bom presidente da República, o povo estava acreditando nele e foi um momento muito triste. Eu havia acompanhado a campanha, a vinda dele à Belém e vi os noticiários na televisão. Ficou marcado na minha memória...

No terceiro ano precisava fazer dois estágios e pedi para a FUNAI para me apoiar a realizar esses estágios na minha terra, entre os Waiãpi. Nessa época já havia FUNAI em Macapá, recém-criada. Eles me pegaram no aeroporto e, no outro dia, parti. Dessa vez viajei de trem entre Macapá e Serra do Navio, foi minha primeira viagem de trem. O trem fazia várias paradas, saímos sete da manhã de Macapá e chegamos ao meio-dia em Serra

[38] Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, ligada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

do Navio. A FUNAI já me aguardava quando desembarquei do trem na estação[39]. Foram eles que me levaram, no carro da FUNAI, até a aldeia Aramirã.

Figura 8: Trem na estação de Serra do Navio em 1999.

Fonte: Foto Pedro Paulo Rezende – Estações Ferroviárias do Brasil

Nessa época o chefe de posto era o Edilson Marinho. Expliquei a ele que estava ali para realizar o meu estágio e entreguei uma carta enviada pela FUNAI de Belém. Entre os Waiãpi estagiei acompanhando o trabalho de cultura de mandioca, que é a base da alimentação do meu povo. O cacique Kumai foi me acompanhar no estágio e eu queria mostrar as técnicas que eu havia aprendido na escola. Eu queria explicar para os parentes como fazia a roça, como plantava, de acordo com as técnicas que eu havia aprendido na Escola Técnica, mas não deu muito certo. Eu continuava não falando waiãpi, falava somente em português com o cacique, mas ele entendia bem pouco. Eu falava sobre a cultura da maniva, o espaçamento, o plantio... tudo que havia aprendido. Mas o cacique me disse:

Figura 9: Imagem de uma roça waiãpi (1) e da colheita da mandioca (2).

Fonte: Bruno Caporrino (Imagem 1) e Mário Vilela – FUNAI (Imagem 2).

– Não é assim que nosso avô faz plantio, isso não é da nossa cultura. Você está querendo trazer cultura diferente.

O cacique me disse que sabia mais do que eu, que os Waiãpi estavam acostumados a plantar roça e que era eu quem tinha que aprender, pois os brancos me ensinaram tudo errado. Então o cacique me explicou, mostrando na prática, como é que os Waiãpi fazem

[39] A E. F. do Amapá foi aberta em 1957 ligando a capital do então Território Federal do Amapá a Serra do Navio. É desde então uma ferrovia isolada, que não tem qualquer entroncamento com outras ferrovias brasileiras. Além disso, é uma das raríssimas ferrovias em solo brasileiro com bitola standard (1,44 m). Fechou para trens de passageiros e cargueiros em março de 2015 e desde então está abandonada (Site Estações Ferroviárias do Brasil).

o plantio. Fiquei um pouco triste, porque achava que o que havia aprendido lá fora iria ser um “sucesso” entre os Waiãpi, mas não foi...

Fui até o chefe de Posto e contei a ele que o meu conhecimento científico não havia sido bem aceito entre os parentes. Mas eu disse para ele que, com o tempo, eu iria aprender o conhecimento dos meus parentes, que eu iria deixar esse conhecimento da cidade. Nessa viagem fiquei somente no Aramirã, não visitei outras aldeias, mas os parentes souberam que eu estava entre eles e foram me visitar. Quando terminei meu estágio, após três semanas, retornei para Icoaraci. Eu gostava de Icoaraci por causa da amizade, gostava de estar entre os parentes. Na Casa do Índio havia um parente Arara, de Altamira, ele falava pouco o português. Um dia ele foi no comércio, comprou pão e pediu uma antarctica. O vendedor deu a cerveja para ele e ele comia pão com cerveja. Os não índios passavam e ficavam falando:

– O índio está comendo cerveja com pão!

O vendedor percebeu e foi explicar para ele que o pão não era para ser comido com cerveja e deu a ele um guaraná antarctica. Achei muito engraçado!

Voltei para Castanhal e entreguei meu relatório de estágio. Fui bem avaliado, estava completa a carga horária. Nessa época tive que retornar ao médico, eu piorei, pois, havia deixado de usar o remédio. O médico me falou que eu tinha que usar, continuamente, o remédio nos olhos, e me deu nova receita.

No meu terceiro ano na escola eu repeti, novamente. Eu tinha muita dificuldade nas disciplinas de Química e Física. Somente um ano depois, em 1989, consegui concluir meu curso. Na minha formatura eu era o único da minha turma, os outros já haviam se formado. Foi um momento triste porque eu estava sozinho no meio de um monte de outros alunos que formavam de outras turmas. Também não recebi meu diploma no dia, somente tempos depois que entregaram.

Quando terminei a Escola Agrotécnica Federal procurei a FUNAI e falei com a assistente social Marta. Disse a ela que gostaria de ir à Brasília participar de um curso de formação de indigenistas do qual eu havia sido informado pela própria FUNAI. Mas a assistente me disse que não havia mais esse curso, que fora cancelado. Foi então que pensei em voltar para minha terra. Antes disso, fiz minha primeira participação em uma

reunião indígena. Foi junto com Karuson Pré[40], indígena Kaiowá, e Cristiano Karipuna, funcionário da FUNAI. Viajamos de avião em um vôo que fazia Belém-Rio de Janeiro-Curitiba. Íamos para um evento organizado pela União das Nações Indígenas (UNI). Após a chegada fomos para a FUNAI de Curitiba, que nos levou, de carro, até a Aldeia Mangueirinha, na Terra Indígena Kaigang, que fica uns seiscentos quilômetros de Curitiba. Era longe, mas a estrada era boa, toda pavimentada. Chegamos à tarde na aldeia e fomos recebidos pelo líder Gabriel Kaigang.

Estava muito frio para mim, vesti duas calças, mas não tinha roupa que desse conta. Eu senti o impacto do frio! Dormimos na aldeia e no outro dia começou o evento. Fui praticamente um ouvinte, era minha primeira vez, não tinha experiência. Falavam vários assuntos: educação, saúde, terra e gestão. Havia parentes Guarani, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul; Terena, Kaigang e outros. Os parentes me pintaram de urucum e o governador do Paraná da época, Roberto Richa, me cumprimentou. Nós todos cobrávamos melhorias para os parentes que viviam no Paraná e apoio na demarcação de terras. Na hora do almoço nós íamos para uma cidade próxima, chamada Pato Branco, para comer. Fica na rota de quem vai para Itaipu. Havia um restaurante preparado para nos receber. O evento da UNI durou três dias e, pela primeira vez, jornalistas vieram atrás de mim para fazer entrevistas. Eram jornalistas mulheres, da TV Cultura de São Paulo, e me pediram para contar histórias da vida indígena. Depois do evento Cristiano e eu retornamos, fizemos Curitiba-São Paulo-Brasília-Belém. Após o retorno fui para a Casa do Índio em Icoaraci. Como não tinha mais apoio para estudar, voltei para minha terra.

Cheguei em Macapá sozinho, mas a FUNAI de Macapá me deu apoio para o retorno. Naquele tempo a gente viajava muito de trem, então fui até Serra do Navio e, de lá, para a aldeia Aramirã. Mas não fiquei no Aramirã, fui para Ytuwasu, aldeia onde vivi por muitos anos. Lá morava minha família mais próxima: a irmã do meu pai, seus filhos e genros. Fui viver na casa da minha tia Arana'i, junto do meu sobrinho Tapuru. Meu processo de adaptação foi difícil. Eu não falava waiãpi, então não conseguia pedir as coisas, caçar... somente pescava. Tive que aprender tudo, aprender a ser Waiãpi! Deixei meu paletó de não-índio e passei a me vestir com nossa roupa tradicional; passei a comer somente a comida waiãpi, mas o sabor da comida não-indígena ficou enraizado. Gosto de macarrão, acho que sou meio italiano.

---

[40] Calbi não lembra bem a pronúncia do nome, que é Guarani. Dessa forma, a grafia está comprometida.

Na aldeia pude conhecer e participar dos rituais. Eu não sabia cantar, não sabia tocar a flauta, mas sabia usar a cuia do casiri... embriagava igual os outros. Fui atrás dos missionários da Missão Novas Tribos do Brasil, eles tinham uma escola deles, onde ensinavam português para os waiãpi, estudavam a língua waiãpi e usavam seu conhecimento para traduzir a Bíblia e ensinar outros missionários. Foram esses missionários que me explicaram as regras da língua waiãpi, as vogais e consoantes. Esse conhecimento, junto com o convívio com meus parentes, me ajudou a aprender, aos poucos, minha língua. Nessa época minha pretendente ainda era criança. Gavião real não parava, vivia voando para outras aldeias, visitando os parentes.

Figure 7: Calbi na ponte que leva para a aldeia CTA

Fonte: Acervo pessoal

Em 1992 foi instalada a Escola Estadual Ytuwasu. Junto com a escola veio o professor Edimar, que lecionava nas séries iniciais. A escola era de 1ª à 4ª série, mas no início somente havia a 1ª série, pela manhã; e a 2ª série, na parte da tarde. Era a primeira vez que a aldeia recebia uma escola do governo e havia muitos alunos, a comunidade era grande, com muitos jovens. Com a instalação dessa escola ficou desvinculada a educação escolar da Missão Novas Tribos do Brasil que, antes, ofertava ensino em português, atraindo muitos waiãpi que queriam aprender a língua. Então os missionários passaram a trabalhar somente com a língua materna, fazendo a tradução da Bíblia para waiãpi. Os adultos faltavam muito às aulas na escola, eles tinham que caçar, ir para roça, pescar. Precisavam cuidar de sobreviver.

Em 1992 foi criado o Núcleo de Educação Escolar Indígena (NEI) em Macapá. O professor Edimar me perguntou se eu havia terminado o Ensino Médio e respondi que sim. Então ele me apresentou para a professora Elza Lima, a primeira gestora do NEI. Ela me perguntou se eu gostaria de entrar na Educação Escolar Indígena e aceitei. A professora Elza Lima fez uma carta e anexou meus documentos, encaminhando para a Secretaria de Educação do Estado, que me contratou no mesmo ano. Eu devia lecionar língua waiãpi na aldeia Ytuwasu. Mas essa era uma função muito difícil para mim, que ainda não dominava o waiãpi. Então aceitei ser professor, mas só ensinava em português.

A comunidade reivindicou a formação de professores waiãpi, para que pudessem ensinar sua língua materna. Essa formação foi realizada pelo CTI[41] e participei, junto com os colegas Japaropi, Tarakuasi, Aykyry, Tapuru, Moropi, Seki, Kaitona, Tapenaiky, Viseni e Makaratu, que era o mais jovem de todos, o mais menino. A única mulher que participou foi Pi'i, mas, por causa da cultura waiãpi e dos caciques, que diziam que mulher não precisava ensinar, a Pi'i desistiu. Tapuru casou-se e mudou para o Camopi, também desistindo da formação. Eu acabei desistindo porque estava no contrato administrativo e não podia faltar para frequentar as aulas.

Como eu falava bem o português, continuei a receber convites para participar do movimento indígena. Viajei para a Semana do Índio, em Macapá; fui para Marituba, com o Dionísio Karipuna e o Carlos Sompré participar de uma reunião que juntou vários povos indígenas. Lá reencontrei o Paulinho Paiakã, o cacique Raoni Metuktire e Megalon Mebêngôkre. O objetivo do encontro era cobrar da FUNAI agilidade nos processos de demarcação de terras indígenas.

Voltei para minha aldeia. Em 1994 entrei na formação de professores, ofertada pelo IETA[42], ligado a SEED-AP. Fiquei seis meses estudando em Macapá, onde hoje funciona a Universidade do Estado do Amapá (UEAP). Terminei a formação de professores. Nessa época o chefe do Posto Aramirã era o Miritino Mendes, esposo da professora Suely, que lecionava na aldeia Maryry. A professora Suely me deu muito apoio, me ajudava com as aulas, com a organização da escola, da sala de aula, dos objetivos.

Continuei viajando... Fui para Manaus a convite da COIAB[43]. Viajei juntamente com Paulo Silva, então cacique da Aldeia Kumarumã, do povo Galibi-Marworno. Na reunião encontrei Davi Kopenawa, Euclides Makuxi, Sebastião Martineri, cacique Raoni Metuktire e outros. Dessas lideranças quem eu mais gostava de ouvir era o Davi

---

[41] O Centro de Trabalho Indigenista (CTI) é uma associação sem fins lucrativos, fundada em março de 1979 por antropólogos e indigenistas.

[42] Calbi não conseguiu lembrar mais informações sobre esse órgão.

[43] A COIAB é uma organização indígena, de direito privado, sem fins lucrativos, fundada no dia 19 de abril de 1989, por iniciativa de lideranças de organizações indígenas existentes à época e com a missão de defender os direitos dos povos indígenas a terra, saúde, educação, cultura e sustentabilidade dos povos e organizações indígenas, considerando as suas diversidades, visando sua autonomia através de articulação e fortalecimento. A organização surgiu como resultado do processo de luta política dos povos indígenas pelo reconhecimento e exercício de seus direitos, num cenário de transformações sociais e políticas ocorridas no Brasil pós-constituinte. É a maior organização indígena do Brasil e abrange os nove Estados da Amazônia Brasileira (Amazonas, Acre, Amapá, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins); são associações locais, federações regionais, organizações de mulheres, professores e estudantes indígenas.

Kopenawa e o Euclides Makuxi, eles estavam muito preparados para a questão indígena. Depois da reunião voltei para a aldeia, fiz o trajeto inverso.

Nós, Waiãpi, lutamos muito para a demarcação de nossa Terra Indígena Waiãpi. Kumai e Waiwai Waiãpi, nossos grandes caciques, viajaram para os Estados Unidos para pedir apoio e recurso para a demarcação da nossa terra. Essa viagem foi proporcionada pela CTI, e eles viajaram juntamente com a antropóloga Dominique Gallois, que já atuava entre nosso povo desde a década de 1970. As lideranças conseguiram o recurso e nossa demarcação[44] foi realizada por nós, Waiãpi, com a ajuda dos nossos parentes do Oiapoque. Nós não sabíamos manejar muitos equipamentos, mas os parentes e os topólogos ajudaram. Eu participei somente da luta pela demarcação, mas não ajudei a demarcar, não fui para a mata junto com meus parentes porque meu problema de visão não me deixava ir para a mata, seria muito perigoso.

Para demarcar o trabalho foi dividido em equipes: a turma do Waiwai foi para a região que vai da aldeia Maryry até a divisa do Pirawiri; a equipe do Siro, pai do Makaratu, e do Teju, foi para a região de Kumakari; Kumai e sua equipe foram para Pairakae; o cacique Tzako Waiãpi foi no rumo do Ypijona; Matapi saiu liderando uma equipe em direção ao Kupa'y. As equipes eram lideradas pelos Waiãpi, pois éramos os conhecedores do território e íamos indicando os caminhos, mas em todas elas havia parentes Karipuna, Galibi-Marworno, Palikur-Arukwayne e Galibi-Kalinã, vindos do Oiapoque. Nós nunca esqueceremos o apoio dos nossos parentes e agradecemos a eles por terem nos ajudado a conseguir nossa terra.

Naquele tempo não havia muitas aldeias, acho que eram somente oito, hoje são mais de noventa, a população também era bem pouca. Após a demarcação houve a criação da primeira organização Waiãpi, o Conselho das Aldeias Waiãpi (APINA). Com o tempo foi criado também a APIWATA, da qual sou um dos fundadores. Eu continuava morando na aldeia Ytuwasu e nada de casamento...

Também na década de 1990 o professor Evilázio Ribas foi trabalhar na aldeia Ytuwasu, levando sua esposa. Foi ele quem me deu meu terceiro apelido: Bill. Nessa época já sabia um pouco da língua e ia caçar com meu sogro, Jurara Waiãpi, mas ainda

---

[44] A Terra Indígena Waiãpi foi identificada nos anos 1970, mas sua delimitação formal só aconteceu em 1980. A demarcação foi realizada entre os anos de 1994 e 1996 em uma iniciativa pioneira de demarcação participativa, coordenada pela FUNAI, com o apoio da Agência de Cooperação Alemã (GTZ) e do Centro de Trabalho Indigenista (CTI).

não tinha casado, continuava no movimento indígena. Patrocinado pelo CIMI[45] viajei para a Aldeia Bacurizinho, do povo Guajajara, no Maranhão. Viajamos Muru e eu, para uma reunião de vários povos. Havia Tapirapé, Tembé, Parakanã, Arara, Assuniri, Anambé e muitos outros, sempre discutindo sobre território, saúde e educação. Eram várias questões, mas eram as mesmas, sempre as mesmas, até hoje. Conheci a Vitorina Guajajara, que participava juntamente com o Pina, meu amigo Tembé, e Ari Tapirapé.

Lembro de ter sido presidente do Caixa Escolar na década de 1990. Meu tesoureiro era Paiki Waiãpi. Foi a primeira vez que eu vi muito recurso, pois estava acumulado, era uns quinhentos mil. Havia um assessor não-indígena, Orlando Guilherme. Ele me pressionava para comprar casa em Macapá, comprar carro, a intenção dele era acabar com o recurso. Esse Caixa Escolar deu muito trabalho para mim. Consultei meu sogro e minha sogra para me ajudar a me livrar do homem branco, criei coragem e um dia fui a Secretaria de Educação e pedi para devolver mais de duzentos e trinta mil, porque sou de caráter, sou honesto, preservo minha imagem como professor. O assessor me xingou muito, mas foi bom para mim. Hoje eu vou na secretaria e as pessoas me respeitam, não vi mais esse assessor, não sei por onde ele anda.

Quando foi instalada a aldeia CTA minha família mudou do Ytuwasu para lá. Meu sogro e minha sogra não estavam bem de saúde e, da aldeia CTA era mais fácil utilizar o carro da FUNAI e retirar os doentes para Pedra Branca do Amapari ou Macapá. Minha pretendente teve sua primeira menstruação já na aldeia CTA e o casamento foi liberado após a segunda menstruação, de acordo com nossa cultura. Os meus sogros me avisaram que o casamento podia ser feito e começamos os preparativos para o ritual. Fizeram um casiri bem forte e meu tio Matã ficou responsável pela captura da tapijai, que é uma formiga da família da tucandeira, mas menos dolorida. Com essas formigas foi feita uma trança, com palha de kunanã, deixando os ferrões das formigas expostos. Na nossa cultura a trança é passada nos participantes da festa: testa, peito, costas, braços e pernas. O movimento tem que ser rápido, pois a ferrada dói bastante e a marca fica bem evidente. Na nossa regra não pode gritar ou tomar banho para aliviar a dor. É preciso esperar o processo inteiro, até a dor ir embora. Nessa época nossa família era bem pequena e poucos moravam no CTA, por isso não houve festa grande, mas teve casiri.

---

[45] O Conselho Indigenista Missionário - CIMI é um órgão vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Foi criado pela CNBB no ano de 1972 com o objetivo de lutar pelo direito à diversidade cultural dos povos indígenas.

O casamento se deu na convivência, passamos a viver como esposos. Mas eu continuava viajando... ficava pouco com a família. Tempos depois viajei para o Camopi, na Guiana Francesa, onde moram nossos parentes Waiãpi. Viajei com meu cunhado Jean Batista, que é seu nome francês, mas na nossa língua ele chama-se Takyri. Essa foi minha primeira visita ao Camopi e eu achei muito diferente, porque eles já tinham outra convivência, as aldeias já tinham som, bebida alcóolica, não usavam roupa tradicional e não faziam os nossos rituais. Eles mantinham a língua e o casiri, mas casavam-se com não-índios, diferente dos Waiãpi em Pedra Branca. Lá no Camopi eles não tinham terra, não era demarcada, era dentro do município... fiquei somente uma semana. Eu fui bem recebido e fiz muitas amizades, mas não gostei do alcoolismo e nem da forma como viviam. Voltei para minha aldeia.

Passou muito tempo... em 2000 veio Sakarija, meu primeiro filho com Samyka. Ficamos, Samyka e eu, um mês de resguardo: não podia tomar banho no igarapé, caçar, pescar, cortar qualquer árvore que possui dono, beber casiri forte, nem ter relações com a esposa, tinha que respeitar, muito perigoso. No meu tempo criança não usava fralda descartável, não tinha modernidades, mas para meu filho eu comprei fralda, lençol e carrinho de bebê, levei tudo para a aldeia!

Em 1999, quando Samyka estava gestante, ela viajou comigo para Castanhal. Fui fazer curso de piscicultura, patrocinado pelo casal Arthur Jensen e Cheryl Jensen, dois missionários do SIL[46]. Ficamos um mês alojados na Escola Agrotécnica onde eu havia estudado. Essa foi a primeira vez que Samyka saiu do Amapá, ela já tinha ido uma vez em Macapá. Samyka também estranhou a alimentação, dizia que não iria comer alface, couve... que não era anta para comer folha. Nós fizemos amizade com a professora Inácia, que era professora de Português desde o tempo em que eu estudava. Em um final de semana a professora Inácia nos levou para Belém, onde passeamos nos shoppings Iguatemi e Castanheira, também visitamos o Ver-o-Peso e almoçamos. Samyka gostou de Belém, achou muito grande, bonita e com muita gente. Ela comprou muito pano vermelho e miçanga! Voltamos para Macapá no avião dos missionários, por isso embarcamos no Aeroclube de Belém. Ficamos na FUNAI de Macapá, que nos levou até a aldeia CTA.

---

[46] O Summer Institute of Linguistics International (SIL) é uma organização religiosa cristã cujo objetivo primário é o estudo, o desenvolvimento e a documentação de línguas menos conhecidas a fim de traduzir a Bíblia. O SIL foi fundado em 1934 e sua sede fica no estado americano do Texas.

Vou contar de novo sobre viagem, foi muita viagem que eu fiz. Dessa vez o convite veio do CIMI. Fomos eu, cacique Taruko Waiãpi para Tucuruí, até a aldeia Trocará, dos Assurini. Dessa vez fomos de navio até Belém. Lá encontrei Pina Tembé, Ari Tapirapé, Vitorino Guajajara, Apurri Kayapó. Todas as nossas discussões foram sobre a terra, já era 1999. Dançamos um pouco, cada povo mostrava sua cultura, sua dança. O encontro foi somente quatro dias, retornamos. Dormimos no CIMI, atrás do terminal de São Brás. No outro dia voltamos de navio, Belém-Santana e Pedra Branca.

Eu comecei a dar aulas em 1992, mas falhava muito... era contrato... dependia do governo. Os contratos administrativos eram gerais, eu tinha que entrar no meio dos não-índios. O Núcleo de Educação Indígena era o responsável, geralmente eles chamavam para avisar que havia contrato. Essa rotina era difícil... incerta. Na sala de aula, convivendo com a comunidade, aprendi a língua materna. A escola é comunidade! Eu tinha muita vergonha quando não sabia escrever e ler em waiãpi, ensinar na escola foi um processo de aprendizagem para mim, onde aprendi com os próprios professores waiãpi, mas também com meus alunos. Eles me ensinaram!

Nós lutamos, caciques e professores, para fortalecer a educação específica. Sempre nós falamos isso, porque nossa cultura é muito diferente. Mais os órgãos educacionais, o governo, não querem reconhecer o nosso jeito de ensinar em sala de aula, mas nós insistimos..., estamos quase conquistando nosso espaço. Já ouvi secretário dizer que a nossa língua não tem valor, não tem profissão[47]. Não entendo por que outra cultura eles reconhecem, mas a nossa cultura não é reconhecida.

Também temos uma coisa que é muito representativa para nós, é a nossa organização social. Dentro da educação nós queremos espaço, seja no fundamental, no ensino médio, no ensino superior. Espaço para sermos autônomos, nós queremos o conhecimento que é nosso, é muito diferente o não-índio ensinando na sala de aula para os Waiãpi. Eles não entendem as regras dos Waiãpi! Hoje, no século XXI, temos que aprender dois caminhos: língua materna e português.

Nós não temos PPP[48] pronto, aliás, nós temos nosso PPP, mas o Conselho de Educação não reconheceu! Nós, professores indígenas waiãpi, não temos associação para

---

[47] Segundo Calbi o secretário afirmara que não seria possível para um Waiãpi exercer qualquer trabalho ou se formar se não aprendesse o português.
[48] Projeto Político Pedagógico da escola.

representar os professores. Dentro das classes dos professores é importante valorizar a classe do professor indígena, do professor waiãpi. Hoje, educação indígena tem que unir, tem que ter união com os outros povos, a união faz parte da cultura, faz parte da experiência adquirida, faz parte do modo de vida. Nós aprendemos também com os professores não índios, tem gente qualificada, e nós também aprendemos com eles. Mas nós não podemos deixar, não podemos esquecer a educação dos nossos ancestrais, essa educação que não é escrita, que é oral, que faz parte do nosso povo e a qual nós devemos continuar praticando e transmitindo. Acho que devemos divulgar um pouco a educação indígena waiãpi para a sociedade, porque eles não sabem, nós temos muito a ensinar: respeito dentro da educação, respeito é importante para não ter preconceito, não ter desequilíbrio. Nossa educação indígena é feita através de união, e deve ser repassada para as futuras gerações.

Hoje, na educação waiãpi, a tendência é priorizar os conhecimentos tradicionais, os conhecimentos de dentro da cultura, as formas de aprender, que também são diferentes para homens e mulheres, porque isso se relaciona com a nossa cultura, com a nossa organização social. Houve mudança na educação indígena. Antes não tinha escrita e leitura. Conhecemos, através da educação, os nossos direitos. Muito importante a educação indígena, quero dizer isso porque é uma educação a céu aberto. Os alunos não agridem os professores, não há maldade na sala de aula. Há respeito geral, regra de respeito. É isso que eu vejo na educação indígena! Os professores não índios também são respeitados, faz parte da nossa cultura o respeito. Os pais e as mãe orientam os jovens, as crianças. Quero deixar pequena mensagem para os professores de modo geral. Eu gostaria que um dia os professores indígenas fossem respeitados na sala de aula pelo estudante não indígena!

Dentro da aldeia nós não temos pré-escola, a criança começa com seis anos na escola. Na educação nunca é tarde, não tem idade! Para ter profissão, ter emprego, é preciso ter formação. Na educação não pode existir cor, não pode existir discriminação, tanto faz ser indígena, negro, ribeirinho. Educação mostra também para indígena o conhecimento da tecnologia, porque hoje a educação facilita o trabalho dentro da comunidade, porque aprendemos como manejar as ferramentas tecnológicas.

Eu acredito que a educação indígena pode se tornar exemplo para o mundo. Primeiro porque é um comportamento, tem regras, tem harmonia, vem de antes de nós, tem hierarquia. Também nossa educação ambiental, nosso conhecimento de natureza,

estou falando da Amazônia, da nossa importância para a salvação da humanidade, para a sobrevivência de todos.

Na nossa cultura há diferenças na educação do pajé, é diferente! Ele é educado pela própria natureza, pelos espíritos dos animais. O processo do pajé, o contato com o espírito dos animais, é feito lentamente, através da onça, gavião-real, tamanduá, tatu-açu e o dom dos angelinzeiros e das samaúmas, o espírito que vive nessas árvores. Tem também o espírito da sucuriju, são esses os principais.

Educação das mulheres waiãpi é diferente também. Não podemos ensinar as mulheres, nós homens não podemos! É nossa regra! As mulheres waiãpi aprendem com suas mães, avós, tias, com as mulheres mais antigas. As mulheres aprendem a fazer rede, cerâmica, tipoia, a preparar as bebidas, plantar mandioca, fazer beiju. As mulheres têm papel de muita importância na nossa cultura waiãpi. Tem educação também nos casamentos! Geralmente os jovens, o homem jovem, a partir de 13 anos, é considerado adulto. Já tem toda a responsabilidade para assumir compromisso. Casamento não se separa. Pode ter poligamia, desde que sejam irmãs. Só separa se não tiver gestação, se não tiver filho, então pode separar. A educação na nossa cultura é familiar, é comunitária!

Eu vou falar sobre como essa Universidade veio para cá, para o Oiapoque, de como começou esse curso. A Licenciatura Indígena foi uma grande luta de nove etnias – Galibi-Marworno, Karipuna, Galibi-Kalinã, Palikur, Waiãpi, Tiriyó, Kaxuyana, Aparai e Waiana – com os parceiros SEED, UNIFAP, Ministério Público, FUNAI e Organizações Indígenas. Foi um processo polêmico também! Até termos reconhecido nosso direito e a criação da Licenciatura Intercultural foi muita luta. Fiz o primeiro Processo Seletivo, em 2007. Eram três vagas para Waiãpi, fui pioneiro, somente eu entrei naquela primeira turma. Agradeço aos Palikur, aos parentes Ivanildo, Passinho, Henrique, Fernando e Verônica, foram eles que me ajudaram muito naquele ano.

Em janeiro de 2007 começamos a estudar, a primeira turma, na Aldeia Manga, na Escola Indígena Estadual Jorge Iaparrá. Eu vim lá da Aldeia CTA, passei Macapá, Oiapoque, até o Manga. Eu tinha apoio do carro da APIWATA. Foi outro processo de mudança, pois eram várias culturas, vários povos juntos. Lá na Aldeia Manga tinha um cacique muito respeitado, que era o Cacique Luciano. Tinha regras de comportamento, não podia brigar, ir para a festa, mexer com as pessoas da aldeia, não podia beber na aldeia e outras regras.

No primeiro dia de aula o cacique Luciano nos recebeu e apresentou as regras, lá no barracão da comunidade da aldeia Manga. Como eu já tinha vivido com outra cultura eu respeitei, sabia que tinha que ter respeito. Lá no Manga reencontrei Domingos Santa Rosa, Dionísio Karipuna e o Mário Karipuna. Esses, já conhecia da Escola Agrotécnica de Castanhal e da FUNAI. Nesse tempo o Dionísio Karipuna era Chefe de Posto do Manga. Eu achei ruim um pouco da alimentação, porque eu não estava mais acostumado com açúcar, sal, a comida tinha muito sal. Eu já estava acostumado com o sistema Waiãpi.

Nós nos misturávamos com a outra turma, do Magistério Indígena da SEED, que estava estudando no mesmo local. O espaço não dava para todos nós, era muito aluno. Algumas vezes nós tivemos aula na casa do Estácio, nosso colega, porque não tinha espaço. Nós, acadêmicos, achávamos ruim a parte de alojamentos, comida. Nós pedimos, reivindicamos mudança, acho que foi em 2008, quando entrou a segunda turma, que viemos para o Oiapoque.

Era uma estrutura melhor do que a da aldeia. Também era melhor para nós nos organizarmos com as nossas famílias, para estudar. Na aldeia era bom, mas não cabia todo mundo, não tinha onde comprar comida. Na Licenciatura aprendi um pouco de cada cultura. Aprendi um pouco da língua dos meus colegas, pelo menos para cumprimentar, também tomei caxixi diferente. Participei da Festa de Nossa Senhora de Guadalupe, na Aldeia Manga. Achei bom, respeitando a festa da religião católica, aceitando a convivência com outra cultura.

Durante as aulas da Licenciatura fizemos uma aula de campo na Aldeia Kumenê. Chegando no Kumenê, umas seis da tarde, fomos para alojamento dos professores. O Passinho já estava lá, foi ele que nos recebeu. O chefe de posto da FUNAI era o Nilo Martiniano, também Palikur. Percebi no Kumenê que a cultura era mais viva, eles tinham a língua deles, os mais velhos tinham um jeito de falar, de se comportar, que impunha respeito. Nós não tomamos caxixi lá, nosso objetivo era produzir artesanatos de animais. Achei logo meu parceiro, o Jakuró[49] e o Café[50]. Nós fizemos escultura de madeira, quem nos ensinou foi o Domingos e o Café, havia vários grupos, no que eu participava eram eles os instrutores.

---

[49] Jakuró é o apelido de Aturapoty Apalai. Ele também ingressou na turma de 2007.
[50] Café é um indígena Karipuna que na época residia na Aldeia Manga.

Quando fomos estudar no Oiapoque, embora pequeno e com pouca estrutura, o espaço era melhor. O que nós aprendemos na Licenciatura Intercultural foi com muita dificuldade, os professores cobravam. Era muito diferente das escolas que eu tinha estudado. Era um conhecimento mais específico, principalmente da questão indígena, trabalhamos muito com direitos indígenas! Na Licenciatura que eu aprendi sobre Paulo Freire, nós compramos livro para estudar!

A Licenciatura não pode ser acabada pelo governo! Tem que reconhecer e valorizar a importância dela para as culturas que estão aqui. Naquele tempo nós tínhamos bolsa PIBID para executar atividades na Escola Indígena. Eu trabalhei com produção de material didático na minha aldeia. Participei de eventos na UNIFAP, no Museu Kuahi... Lá que eu abri caminho para o tamoko[51]. Agora todos os Waiãpi aprenderam a cantar o tamoko nos eventos, nas reuniões.

No Oiapoque eu atravessava para Saint George. Eu não tinha passaporte! Soldado, *gendarme*[52], queria me prender. Eu disse para ele que eu sou Waiãpi! Ele não queria conversa comigo. Eu estava com minha tanga por baixo da minha bermuda, então eu baixei minha roupa, mostrei minha tanga e disse:

– Sou Waiãpi tradicional! Esse é meu passaporte!

Sempre fui organizado. Eu pegava, naquele tempo, os certificados que serviriam para mim. Daqui, da Licenciatura, eu queria estar preparado para assumir responsabilidade, voltar para minha origem, ser professor. A comunidade também criou grande expectativa com relação a formação dos primeiros professores. Quando nós chegamos na Universidade, nós trabalhávamos com séries iniciais, quando sairmos daqui, é para atuar a partir do sexto ano e Ensino Médio.

O número de professores waiãpi formados ainda é muito baixo, precisamos de mais professores, porque a demanda na escola waiãpi está alta. Atualmente estudantes estão saindo para fora da aldeia, rumo da capital. Eles acham que estudando fora termina mais rápido, porque SOMEI é modular, demora muito. Por isso os estudantes pressionam os pais, para ir para a cidade, para ir estudar.

---

[51] Canto waiãpi muito apreciado pelos indígenas e, frequentemente, cantado nas atividades da Licenciatura Intercultural Indígena.
[52] Como são chamados os policiais franceses.

A necessidade me fez cursar a Licenciatura Intercultural, mas sempre nos faltou apoio. Por exemplo, bolsa. A distância é grande, é muito longe da Terra Indígena Waiãpi para o Oiapoque, é muito caro. Custo muito alto! Tem alimentação, transporte para a Universidade, porque naquele tempo não tinha ônibus da UNIFAP para os alunos. Também tem que pagar aluguel, materiais de estudo e o deslocamento da aldeia até o Oiapoque. É tudo muito caro!

No nosso tempo tinha que estudar de manhã, de tarde e de noite. Era muito cansativo, o cérebro não comporta, como é que se alimenta, que tem energia para retorno? Não havia descanso, mas tinha muita vontade, era isso que fazia continuar. Hoje vejo que fortaleceu a estrutura da Licenciatura, mas continua sendo difícil para Waiãpi.

O que me chamou atenção na Licenciatura Intercultural foi uma dinâmica de mistura de culturas. Quando eu frequentava aqui, a Intercultural, me deixou muito triste a perda da professora Sandra. No nosso grupo houve a perda do Ivanildo, naquele tempo ele já estava iniciando a doença dele, nós éramos colegas, ele sempre me incentivava. Fiquei muito triste com a perda dele.

Figure 8: Calbi em frente as pinturas Waiãpi, no Campus Binacional do Oiapoque.

Fonte: Registro feito no dia 19 de fevereiro de 2020. Acervo Pessoal.

Quero deixar uma pequena mensagem. Licenciatura Intercultural tem que ter um valor, respeito, por ter uma educação específica, o governo não pode gerar conflito com a Educação Indígena, porque nossa educação indígena vem de muito antes, e nós queremos uma educação indígena para frente, para as futuras gerações. Sou considerado *murumurukarã* “aquele que abre caminho”, porque eu abri caminho na Licenciatura

Intercultural. Eu não sabia que a cultura é dinâmica! Eu sempre gostei de línguas, de aprender!

O que pode melhorar a Licenciatura é projeto, é política educacional voltada para indígenas. Porque aqui não tem área, não tem espaço para indígena. Outra coisa, é que aqui não tem oportunidade para indígena em outros cursos, não tem Medicina, não tem outras áreas para indígenas como tem na Licenciatura. É importante Waiãpi poder escolher profissão, porque tem muita necessidade na aldeia. Não sei se, no futuro, o acesso a Licenciatura vai ficar melhor para os Waiãpi. Para o Parque é muito difícil! É mais difícil que para os Waiãpi! Os parentes passam muitas dificuldades! Seria melhor, um dia, funcionar Licenciatura também em Macapá, na UNIFAP.

Eu quero terminar, concluir meu curso, porque meus colegas me deram apoio, eles me disseram que eu tinha que acabar a minha história. E por isso que eu estou com essa vontade, esse interesse, pelo exemplo que eu posso dar para os outros estudantes. Também gostaria que os professores, um dia, orientassem nós, lá na Terra Indígena Waiãpi, para conhecer o povo, conhecer a regra, conhecer a comunidade. Eu, Calbi, agradeço os professores e todos os acadêmicos que passaram por aqui, meus colegas. Nós somos fortes dentro da nossa cultura. Nós somos capazes! Nós precisamos nos fortalecer! Iete!

Referências Bibliográficas

FERREIRA, Aldenor da Silva. Fios dourados dos trópicos: culturas, histórias, singularidades e possibilidades (juta e malva - Brasil e Índia). 2016. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/305701>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2020.

GALLOIS, Dominique Tilkin. Terra Indígena Wajãpi: da demarcação às experiências de gestão territorial. São Paulo. Iepé, 2011.

ISA. Povos Indígenas no Brasil: Wajãpi. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tiriy%C3%B3. Acesso em: 09 de fevereiro de 2020.

ISA. Povos Indígenas no Brasil: Wajãpi. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Waj%C3%A3pi. Acesso em: 09 de fevereiro de 2020.

ISA. Povos Indígenas no Brasil: Wajana. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Wayana. Acesso em: 09 de fevereiro de 2020.

ISA. Povos Indígenas no Brasil: Zo'é. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Zo'%C3%A9. Acesso em: 09 de fevereiro de 2020.

PARQUE Nacional Montanhas do Tumucumaque. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Nacional_Montanhas_do_Tumucumaque> Acesso em: 09 de fevereiro de 2020.